



Revista Brasileira de Marketing

E-ISSN: 2177-5184

admin@revistabrasileirmarketing.org

Universidade Nove de Julho

Brasil

Pereira da Silva, Humberto
Apontamento sobre a moral subsumida em As mãos sujas
Revista Brasileira de Marketing, vol. 6, núm. 1, 2007, pp. 89-95
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471747515011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Apontamento sobre a moral subsumida em *As mãos sujas*

Humberto Pereira da Silva

Professor de Filosofia da Educação na Fintec, Faculdade Interlagos, em São Paulo.
Osasco – SP [Brasil]
humortiz@uol.com.br

A filosofia sartriana e o existencialismo influenciaram significativamente o pensamento no século passado. Além de filósofo, Sartre também foi um grande escritor. Em sua peça *As mãos sujas*, pode-se perceber o reflexo de muitas de suas idéias. Neste artigo, procura-se apontar a questão moral, portanto, o problema da liberdade, presente nessa peça específica do conjunto da obra literária de Sartre. O tema central de *As mãos sujas* é a liberdade de escolha, quando os personagens estão inseridos numa “situação-limite”, que, para Sartre, é o momento de afirmação da liberdade. O objetivo do texto não é abrir polêmica em torno de conceitos como o de “situação-limite” ou de liberdade, em Sartre, mas, sim, exibir, indicar como esses conceitos estão aplicados nessa peça.

Palavras-chave: Acaso. Liberdade.
Problema moral. Situação-limite.



Se é verdade que o homem é livre em uma situação dada e que se escolhe livre nesta e por esta situação, então é preciso mostrar no teatro situações simples e humanas e liberdades que se escolhem nestas e por estas situações.

Jean-Paul Sartre

1 Sartre: uma “moral provisória” expressa em *As mãos sujas*

Neste artigo, apresenta-se um apontamento, uma indicação reduzida de como a moral está contida em uma obra específica de Sartre (1905-1980). Esse alerta é necessário, porque a moral, para os comentadores desse autor (em especial, Francis Jeanson, em *Le problème moral et la pensée de Sartre*, e Jeannette Colombel, em *Sartre ou le parti de vivre*), ocupa um lugar controverso no conjunto da obra sartriana. Isso ocorre porque Sartre não escreveu uma moral, mas apenas a anunciou na conclusão de *O ser e o nada*:

A ontologia não pode formular ela própria prescrições morais. Consagra-se unicamente àquilo que é, e não é possível derivar imperativos de seus indicativos. Deixa entrever, todavia, o que seria uma ética que assumisse suas responsabilidades em face de uma realidade em situação. (SARTRE, 2000, p. 763),

Não obstante, ainda que em *O ser e o nada* – seu livro mais famoso e influente naquilo que passou a ser conhecido como a filosofia existencialista – tenha feito apenas indicação de que a ontologia deixa entrever o que seria uma ética que assumisse suas responsabilidades, quando diante de uma realidade em situação, Sartre acabou esboçando um projeto para a escrita de uma moral (as notas desse projeto foram publicadas pela Gallimard sob o título *Cahiers pour une morale*, após a morte de Sartre). Além desse projeto, pode-se ponderar que há algo como uma “moral provisória” em Sartre, quando se lêem seus romances, contos e peças. A sugestão de que há apenas uma “moral provisória” em Sartre, expressa em sua obra literária, é reforçada quando se observa que proposições enunciadas em *O ser e o nada*, que entreveriam uma moral sartriana, são contraditas em *O existencialismo é um humanismo*. Em *O ser e o nada*, Sartre expressa que nunca conseguiremos, na relação com o próximo, o reconhecimento mútuo da liberdade do outro: “Todavia, a existência do Outro traz um limite de

fato à minha liberdade. Com efeito, pelo surgimento do Outro, aparecem certas determinações que eu sou sem tê-las escolhido” (SARTRE, 2000, p. 642); já em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre afirma que podemos, devemos e, realmente, temos de respeitar a liberdade dos outros:

Sem dúvida, a liberdade, enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. (SARTRE, 1987, p. 19).

Assim, a análise do vínculo entre o problema moral e os pressupostos do pensamento sartriano requer um tratamento especializado; por isso, neste trabalho, limitamo-nos a “apontar” como Sartre, em *As mãos sujas* (1948), escrita anos depois de *O ser e o nada* (1943) e de *O existencialismo é um humanismo* (1946), engaja-se nas polêmicas sobre o marxismo e molda as ações de personagens que estão imersos naquilo que é caracterizado em suas diversas peças e romances como uma situação-limite: momento em que se é obrigado a fazer uma escolha, ou seja, momento de afirmação da liberdade, entendida como problema de ordem moral, expressa por meio da idéia de “situação-limite”, está presente tanto em *As mãos sujas* quanto, com o mesmo desenvolvimento estrutural, em *As moscas*, *Entre quatro paredes* – o inferno são os outros –, *O diabo e o bom Deus* e na trilogia *Os caminhos da liberdade*. O objetivo aqui, no entanto, não é analisar se as proposições morais enunciadas em *As mãos sujas* estão ou não em contradição com o que está expresso em outras obras de Sartre, mas apenas “apontar” para a moral que lhe está subsumida. Não se trata, portanto, de apresentar uma tese e focar a argumentação em sua defesa. Como o título do texto sugere, o que se tem no horizonte é a indicação da maneira como a moral é subsumida na peça *As mãos sujas*. Entende-se, portanto, que justamente porque uma moral não foi elaborada em sua obra filosófica, pode-se extrair uma “moral provisória” sartriana em sua obra literária, como *As mãos sujas*. Provisória porque o projeto de uma “moral definitiva”, anunciada em *O ser e o nada*, ficou apenas na intenção. O objetivo do texto, com isso, é mostrar como a “moral provisória” em Sartre está subsumida em *As mãos sujas*.

A moral subsumida em *As mãos sujas* tem como foco a transformação de um problema particular

da política (o conflito entre o secretário do Partido Operário da Ilíria e os dirigentes de um grupo minoritário desse partido, quando aquele julga legítimo aliar-se a outros partidos, mesmo contrariando as linhas gerais do Partido Operário) em um dos grandes dilemas morais da humanidade: se a ação (numa situação-limite) se fundamenta em princípios, seus efeitos podem ser trágicos, mas se ela for desconectada de princípios, a confiança será eliminada do cenário (a traição da confiança em si próprio terá como efeito aquilo que Sartre chama de má-consciência) e seus efeitos podem, igualmente, não escapar à tragédia. Esse dilema, que diz respeito ao problema da articulação entre a liberdade e a moral, é apresentado na peça pela contraposição entre um “individualista”, que afirma agir movido por princípios (Hugo), e um “não-individualista”, que não vê como agir senão por meios obscuros, ou seja, “sujando as mãos” (Hoederer, o secretário do Partido Operário). Hugo coloca as idéias acima dos homens; enquanto Hoederer as coloca abaixo. Para Hugo, a ação não se pode apartar de princípios que a sustentem: não se pode mentir, pois a mentira encerra a ruptura com a confiança (deve haver coerência entre a fala e a ação); já para Hoederer, a ação não pode ser apartada da eficácia, mesmo que, para isso, se tenha de colocar as mãos *dans la merde et dans le sang*: a coerência entre a fala e a ação é dispensável, pois se pode solucionar cada problema pela apreciação das variáveis presentes nas circunstâncias específicas de cada momento.

2 Dilemas e ambigüidades dos personagens de *As mãos sujas*: a liberdade de escolha como problema moral

A liberdade de escolha entre uma ação que seja julgada como pura e uma a ser avaliada como impura fornece, esquematicamente, a silhueta moral dos dois personagens principais da peça. Contudo, as ações dessas *personas* inscrevem-se em ambigüidades, de sorte que esse esquema – não obstante expresse o dilema moral em que cada um está envolvido – é demasiado simples para comportar a complexidade da liberdade de escolha entre uma ação e outra em uma situação-limite. Na evolução das situações em que as *personas* se inserem na peça, vejamos como a questão da ambigüidade se revela. O fato de Hoederer, com sua estratégia de composição, ferir os princípios do partido e pôr em risco a causa faz com que integrantes do grupo minoritário

se vejam compelidos a tirá-lo de cena, assassinando-o. Para realizar tal empreitada, é convocado aquele que, para executar um ato dessa envergadura, daria prova inequívoca de comprometimento com os ideais de ruptura com sua classe de origem, ou seja, quem tem de mostrar compromisso com os princípios orientadores do partido é Hugo, cuja origem “pequeno-burguesa” desperta desconfiança.

Sartre coloca, então, os dois personagens numa situação-limite: para não fugir aos princípios orientadores do partido, Hugo não pode esquivar-se à tarefa que lhe fora confiada. Nessa situação-limite, revela-se que o esquema que opõe pureza de ações e eficácia, para justificar o primado da liberdade, não pode ser compreendido, pois se desconhecem as nuances e os limites que qualquer situação comporta. Hugo, que simboliza o primado da ação em conformidade com os princípios, claudica, da mesma forma que Hoederer revela, ao fim, suas incertezas e indecisões. De fato, se Hugo afirma agir movido por princípios, é verdade também que ele se curva à “retórica” de Hoederer, mesmo sabendo que suas ações são impuras. No instante em que Hugo vacila na ação a que fora destinado pelo partido – assassinar Hoederer –, é o próprio Hoederer que tenta fazer com que ele assinta as razões que o levam a pôr a eficácia acima dos princípios e se propõe a ajudá-lo:

Hoederer – Com certeza. Tu és um rapazinho, a quem custa bastante passar à idade de homem, mas darás um homem muito aceitável se alguém te facilitar a passagem. Se eu escapar aos petardos e às bombas que me estão destinados, farei que fiques aqui e hei de te ajudar. (SARTRE, 1972, p. 139).

Hugo, num primeiro momento da situação-limite, falha e cede aos apelos de Hoederer. Entende que, de fato, não se encontra numa posição para avaliar o sentido mais profundo e os motivos de sua ação. A maneira com que Hoederer levanta a questão sugere que, ao agir de acordo com os interesses não tão visíveis do partido, Hugo seria um “imbecil útil”. Hoederer faz Hugo entender que ele não está em condições de agir por princípios: aquilo que toma por princípios não passa de caprichos de um espírito ainda imberbe.

No entanto, em seguida à falha e numa situação que escapava ao figurino dado pela oposição “pureza/eficácia”, Hugo flagra Hoederer em intimidade com Jéssica, sua “companheira amorosa”, e acaba por assassiná-lo. O assassinato, que seria

motivado por razões políticas, acaba se realizando como defesa da honra: Hoederer seria indigno de viver, porque feria o código moral que condena a partilha de “companheiras”. Após passar dois anos na prisão, Hugo é libertado e confessa a Olga (integrante do partido que o acolhe quando ele completa a pena) que o assassinato fora obra do acaso, pois havia aceitado a ajuda proposta por Hoederer:

Hugo – Sei ao menos se o cometi realmente? Não fui eu quem matou, foi o acaso. Se tivesse aberto a porta dois minutos mais cedo ou dois minutos mais tarde, não os tinha surpreendido enlaçados, não tinha disparado... Ia ter com ele para lhe dizer que aceitava a sua ajuda. (SARTRE, 1972, p. 147).

Ou seja, Hugo não só assente que Hoederer estaria correto ao lhe atribuir ingenuidade na assunção de princípios etéreos, mas também sustenta que o assassinato não teria ocorrido senão como fruto da mais absoluta coincidência de encontros. Num sentido mais amplo, o que Sartre acaba expressando pela boca de Hugo é o “absurdo existencial”, a angústia do “ser-aí”, que configura a contingência que envolve o “fato” de estar lançado no mundo:

A ordem do vivido só é visível a posteriori: é então que escapamos do acaso. Isso significa que não se pode verdadeiramente escapar do acaso. O acontecimento presente tem um peso que advém precisamente de que ele não está imediatamente inserido num curso de eventos. (SILVA, 2004, p. 83).

Ao atribuir seu ato ao acaso, Hugo despe-se de princípios que o levaram a assassinar Hoederer e toma sua ação como algo do qual não tem razão de orgulhar-se: “Hugo – Achava-me novo demais; quis pendurar um crime ao pescoço como uma pedra. E receava que ele fosse muito pesado. Grande erro: é leve, horivelmente leve. Não tem peso” (SARTRE, 1972, p. 149). Hugo, com isso, revela a banalidade de seu gesto e, ainda, que Hoederer pode não ter sido outra coisa senão um meio para tentar dar sentido à sua vida. O desastre é que, por meio dessa atitude, se vê apenas a ausência de sentido, pois ele não sente o peso daquilo que fez: Hugo, simplesmente, não se ressentido.

De fato, só enquanto tem uma finalidade – portanto finalidade para um sujeito – o fato psíquico significa alguma coisa, tem um

sentido. Caso contrário, é mero efeito de uma causa, automaticamente; ocorre sem visar a um fim, apenas ocorre. (MOUTINHO, 1995, p. 56).

Assim, não admite que a motivação de seu crime tenha sido política, nem tampouco tê-lo cometido por motivo passional:

Hugo – Matei-o... matei-o porque tinha aberto a porta. É tudo quanto sei. Se não tivesse aberto aquela porta... ele no meio da casa, com Jéssica nos braços... tinha no queixo marcas de batom. Era uma cena trivial. E eu vivia, desde há muito, na tragédia. Foi para salvar a tragédia que disparei.

Olga – Não tinhas ciúmes?

Hugo – Ciúmes? Talvez. Mas não da Jéssica. (SARTRE, 1972, p. 147).

A gratuidade do ato mostra como os princípios de fidelidade à causa que defende podem ser colocados em suspenso. No primeiro momento que se pôs diante de Hoederer para executar a tarefa da qual o incumbira o partido, poderia tê-la realizado com a mesma justificativa: para salvar a tragédia. No entanto, como anunciamos, é apenas superficialmente que podemos traçar a silhueta das *personas* na peça. É o mesmo Hugo que se horroriza – no final da peça – quando Olga lhe diz que os meios utilizados por Hoederer (sujar as mãos em uma ação) não diferem daqueles que ela e o orbe no qual ele se inscreve também utilizam, ou seja, apenas Hugo acredita que, em uma situação-limite, possa haver pureza em uma ação.

Hugo – Deixa de palavras bombásticas, Olga. Houve-as a mais nesta história e produziram péssimos resultados. (O automóvel afasta-se). Não é o carro deles. Tenho tempo para te explicar. Escuta: eu não sei por que é que matei Hoederer, mas sei por que é que o devia ter morto: porque ele impunha uma política má, porque mentia aos camaradas e porque fazia o Partido correr o risco de apodrecer. Se eu tivesse tido coragem para disparar quando estava sozinho com ele no escritório, era por essas razões que ele teria morrido, e eu poderia então pensar em mim sem vergonha. Tenho vergonha de mim, porque o matei... depois. E vocês, vocês então querem que eu tenha mais vergonha ainda e que decida que o matei sem razão. Olga, eu ainda penso o que pen-

sava sobre a política do Hoederer. Na prisão, julgava que vocês estavam de acordo comigo, e isso dava-me forças; sei agora que ninguém pensa como eu, mas não mudarei de opinião por causa disso. (SARTRE, 1972, p. 155).

Apesar de garantir, antes, que o assassinato fora obra do acaso e que assentara as razões de Hoederer numa espécie de espelho invertido, Hugo se desconcerta ao saber que ambos os lados se movem por razões alheias às dele, ou seja, ele se encontra só e essa revelação é fatal.

O que é admirável em Hoederer é que ele sabe que paga um preço, e o que é mesquinho e até odioso em Hugo é que não há sequer um preço. É inútil dizer que Hugo é guiado por um ideal abstrato de humanidade, ante o qual os homens como são não têm interesse para ele, e ao qual, impunemente, podem ser sacrificados. (DANTO, 1975, p. 119).

Diante disso e acossado pelos asseclas de Hoederer que se encaminham para matá-lo, a decisão final de Hugo foi o suicídio. A pureza na relação entre princípios e ação, exibida na fala de Hugo, é inútil, na medida em que é um “jogo de palavras”: seu ato final – o suicídio – não o honra, pois acaba sendo um capricho de um individualista burguês que nem sequer teve coragem de “sujar as mãos” por amor à causa que abraçou. Na peça, há uma passagem em que Hugo nos mostra tanto o seu “individualismo” quanto o papel que atribui à contingência na sua decisão de entrar no partido: “Hugo – ... um fulano que não tem vontade de viver para alguma coisa deve servir, se o souberem aproveitar” (SARTRE, 1972, p. 30). Embora afirme, logo em seguida: “Abandonei a minha família e a minha classe no dia em que compreendi o que era a opressão” (SARTRE, 1972, p. 33). O sentido da escolha de Hugo indica, primariamente, a satisfação de um capricho para preencher o “vazio existencial”. Se é possível dizer que, para ele, o suicídio é obra do acaso (assim como o assassinato do Hoederer), também se pode afirmar que qualquer de suas escolhas anteriores é obra do acaso. Portanto, não é possível dizer que, para Hugo, haja princípios rígidos que sustentam suas ações – por acaso, ele entrou no partido, mas esse mesmo acaso poderia tê-lo impulsionado a fazer outra escolha.

Da mesma forma que não se pode afirmar que as ações de Hugo são sempre impulsionadas por princípios rígidos, também não se pode afirmar

que Hoederer age sempre tendo, por alvo, a eficácia, como se tivesse, constantemente, uma edição de *O Príncipe* em mãos: “Hoederer – Todos os meios são bons quando são eficazes” (SARTRE, 1972, p. 126). É assim que Hoederer se pronuncia ao rebater um argumento de Hugo, para quem nunca se deve mentir aos camaradas, pois a mentira é própria da classe a que pertence – a burguesia:

Hugo – Hoederer, eu... eu sei melhor do que o senhor o que é a mentira; em casa do meu pai todos mentiam uns aos outros e todos me mentiam a mim. Só respirei desde que entrei para o Partido. Pela primeira vez via homens que não mentiam uns aos outros. Cada um podia ter confiança em todos e todos em qualquer um [...] (SARTRE, 1972, p. 125).

Apesar da “retórica” da eficácia, é Hoederer que dispensa a revista quando seus guarda-costas recebem a recusa de Hugo, no momento que aqueles se encaminham para revistá-lo. O argumento apresentado por Hoederer para que seus guarda-costas respeitem a recusa da revista é o de que Hugo não entrou no partido compelido pela miséria.

Hoederer – Slick! Não foste tu que me contaste que tinhas vergonha de ter fome? (Inclina-se para Slick e espera uma resposta que não vem) E que isso te enraivecira porque não te deixava pensar noutra coisa? E que um rapaz de vinte anos deve ter mais que fazer do que passar o tempo preocupado com o estômago? (SARTRE, 1972, p. 59).

Com isso, Hoederer entende que as razões de Hugo não derivam da carência material: ele poderia desfrutar uma vida apazível como um bom burguês, mas abriu mão do conforto dessa vida e aderiu à causa do povo para descobrir o respeito por si próprio: “Hoederer – Prova que tu querias o teu pão e mais qualquer coisinha. A essa coisa chama este o respeito por si próprio.” (SARTRE, 1972, p. 60). Ao opor Slick e Hugo, Hoederer pondera que Hugo se move exclusivamente por aquilo que Slick quer além de pão: ser respeitado. Para Hoederer, o impulso dado por Hugo fê-lo entender que apenas o pão não lhe basta, enquanto Slick pode muito bem ser levado por interesses imediatos.

Ao abrir um precedente para Hugo, no entanto, Hoederer leva em conta menos a fidelidade à orientação do partido e mais o “ideal” que sustenta a escolha de Hugo. Por isso, apesar de agir quase sempre como

se tomasse *O Príncipe* por receita, Hoederer, em relação à revista de Hugo, não está considerando, em primeiro plano, a máxima maquiavélica que diz:

Nota-se que é preciso tratar bem os homens ou então aniquilá-los. Eles se vingarão de pequenas injúrias, mas não poderão vingar-se de agressões graves; só devemos injuriar alguém se não tememos sua vingança. (MAQUIAVEL, 1979, p. 78).

Ou seja, Hoederer trata bem Hugo, não porque o teme (seria esse o caso se ele considerasse, em primeiro plano, a eficácia), mas por sua firmeza tê-lo persuadido do desejo de apagar, por meio de uma escolha, sua origem burguesa. Embora Hugo seja um intelectual burguês que carrega consigo, caprichosamente, as fotos de sua infância opulenta, Hoederer passa por cima da orientação do partido em razão de acreditar que ele age por princípios e que vale a pena ter alguém assim nas fileiras do partido.

Hoederer – Ah! (Olha para ele) E se for eu a pedi-lo? (pausa) Estou a ver: é uma pessoa de princípios. Também eu podia fazer disto uma questão de princípios, sabes? Mas os princípios e eu... (pausa) Olha para mim! Trazes alguma arma?

Hugo – Não.

Hoederer – E tua mulher também não?

Hugo – Não.

Hoederer – Está bem. Confio em ti. Vocês podem-se ir embora.

(SARTRE, 1972, p. 63).

Hoederer afirma confiar em Hugo, isto é, com essa afirmação, ele põe um valor moral acima da “mesquinhez” da eficácia política. Mais adiante, exprimirá a positividade do valor da confiança: “Hoederer (para Slick e Jorge) – e tomem nota da lição: é preciso confiar nas pessoas. Eu confio sempre. Em toda a gente” (SARTRE, 1972, p. 64). A confiança, para Hoederer, assume, assim, a feição de um princípio: é só confiando nas pessoas (mesmo nos inimigos) que se pode impedir que cem mil homens – de uma penada – sejam eliminados do mapa. Ao apontar suas ações na direção dos homens (Hugo o faz na direção das idéias), Hoederer sustenta que só se pode modificar o mundo se houver confiança entre os homens, independentemente das idéias que cada um defende. No momento mais tenso da peça, quando Hugo está na iminência de cometer o assassinato, Hoederer

ratifica a confiança que nele depositara, apesar de perceber, naquele instante, que fora encarregado de assassiná-lo:

Hugo – Eu não fui feito para viver; não sei o que é a vida nem tenho precisão de saber. Sou de mais, porque não tenho lugar no mundo e ando a estorvar toda a gente; ninguém gosta de mim, ninguém tem confiança em mim.

Hoederer – Tenho eu, Hugo. Tenho eu confiança em ti.

(SARTRE, 1972, p. 139).

O ponto a ser destacado na confiança que Hoederer deposita em Hugo é o seguinte: ela se assemelha a um cálculo, a uma aposta. Na peça, há um movimento que parece indicar isso, ou seja, as razões apresentadas por ele para entrar no partido bastavam. No instante em que fora alvejado por Hugo, porém, Hoederer deixa escapar que sua confiança, na verdade, reside em sua capacidade de convertê-lo para seus propósitos e que a vanidade desse esforço decorre, não do malogro daquilo que intencionava, e sim de um equívoco que pôs tudo abaixo: “Hoederer – Espera! Espera! Não faças asneira. Por causa de uma mulher, não! (Hugo dá três tiros. Jéssica põe-se a gritar. Slick e Jorge entram na sala) Imbecil! Estragaste tudo” (SARTRE, 1972, p. 146). Em certo sentido, para acentuar a ambigüidade em que ambos se movem, apenas superficialmente pode-se entender que Hoederer orienta-se em conformidade com os princípios de fidelidade em contraste com a eficácia.

Tanto o suicídio de Hugo quanto a aposta de Hoederer são inúteis, pois, em ambas as situações, um “pequeno” acontecimento, uma informação qualquer frustrou todos os bons propósitos que ambos tinham em vista. Assim, as escolhas de um e de outro poderiam ser contrárias: bastava Hugo não afirmar que agia por princípios e que Hoederer não punha as mãos na lama quando agia, isto é, para Sartre, em *As mãos sujas*, a liberdade de escolha não nos torna mais ou menos “puros”, ela apenas nos coloca em um ou outro quadro de um cenário: a liberdade de agir não nos liga ao êxito ou ao fracasso. Todos nós somos livres para escolher entre uma ou outra situação; apenas isso. Assim, o quadro inicial que opunha um individualista idealista e um não-individualista movido pela eficácia não é capaz de dimensionar a complexidade em que cada um se encontra inserido.

Parece ser essa a única maneira de entender o mundo, de situar as coisas e de situar-se. Pois

as coisas já não obedecem mais às relações que o sujeito quer instituir entre elas, não se subordinam mais a esse regime de necessidades montado por via das situações recíprocas pelas quais consideramos as coisas elementos variáveis de um conjunto relacional. Elas, na medida em que existem, recusam-se a entrar nesse esquema. Mas é desesperador [...] (SILVA, 2004, p. 88).

3 Considerações finais

Para concluir este apontamento, uma nota final: a moral subsumida em *As mãos sujas* é, em uma situação-limite, qualquer ação realizada que resulta da escolha entre duas proposições dilemáticas.

Ou seja, nessa peça, a pedra de toque da moral é o dilema. Ao se considerar o nexo entre princípios e ação (Hugo e o partido), a confiança faz parte do cenário e os efeitos da ação na peça são trágicos. Quando se considera a desconexão entre princípios e ação (Hoederer e o partido), a confiança sai de cena, mas as conseqüências do agir se revelam igualmente trágicas. Uma situação exclui a outra; no entanto, ambas implicam o mesmo resultado: o fim trágico dos dois protagonistas da peça. Segue-se, então, que, para Sartre, se sou aquilo que faço de mim com minhas escolhas, também é certo que deles não posso esperar nada além da responsabilidade por ter escolhido uma ação e não outra.

Moral subsumida em *As mãos sujas*: a liberdade pesa quando escolhemos, pois, qualquer que seja a escolha, e não nos podemos desviar dela, abre-se caminho, para um desenlace trágico, para o absurdo, a angústia existencial – temas para um estudo mais ambicioso do conjunto da obra sartriana.

Note about the morals conceived in *Dirty hands*

Sartre's philosophy and the existentialism were very important to the thought in the last century. Besides being a philosopher, Sartre was also a great writer and, in his play, *Dirty hands*, one can see many of his ideas. This paper indicates the moral question, thus, the problem of liberty, presented in this Sartre's specific work. The matter of *Dirty hands*, when the characters are inside of the "border-situation", is the liberty of choice. This is the moment of affirmation of liberty, to Sartre. In this paper it is not the objective to contest Sartre's concepts, as the one about "border-situation" or the other about liberty, because the purpose is only to show as Sartre use them in the play *Dirty hands*.

Key words: Border-situation. Chance. Liberty. Moral problem.

Referências

- DANTO, A. C. *As idéias de Sartre*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Brasília: UnB, 1979.
- MOUTINHO, L. D. S. *Sartre: existencialismo e liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. *As mãos sujas*. São Paulo: Publicações Europa-América, 1972.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SILVA, F. L. e. *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo: UNESP, 2004.

recebido em 30 out. 2006 / aprovado em 13 mar. 2007

Para referenciar este texto:

SILVA, H. P. da. Apontamento sobre a moral subsumida em "As mãos sujas". *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 89-95, 2007.

